



Feminino e masculino: a natureza e a cultura no filme Anticristo de Lars Von Trier ¹

Edisônia MARTINS ²

Tamara de Sousa SENA ³

Tobias Arruda QUEIROZ⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

O trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão sobre a imagem da mulher no filme Anticristo, de 2009, do diretor Lars Von Trier, estudando o papel do feminino na sociedade. A análise foi feita com embasamento no artigo "Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura?" de Sherry Ortner (1979), que foi um marco para uma geração de antropólogas feministas e que continua sendo objeto de polêmicas, outras autoras usadas como estudo foi Simone de Beauvoir (1953) e Elizabeth Ellsworth (2001), se estruturando nos temas da cultura e natureza, em relação ao papel da mulher na sociedade e como vários endereçamentos de um filme, pode influenciar na interpretação do telespectador.

Palavras-chave: Anticristo; cultura; feminismo; Lars Von Trier; natureza.

Introdução

O trabalho mostra uma análise da cultura e a natureza da figura feminina do filme Anticristo, de 2009, do diretor Lars Von Trier. A película mostra o histórico de inferioridade da figura feminina perante o homem, sendo essa apontada como responsável por todo o mal, que lhe foi imposto por muitas culturas e aceito pela própria mulher.

O estudo tem como base a aproximação da mulher com a natureza, enquanto o homem se aproxima da cultura que seria a consciência, a produção e a dominação sobre a natureza para conseguir benefícios próprios. A mulher ficou responsável pela reprodução e cuidar dos filhos ao nascer, com isso tem pouco tempo para se dedicar ao trabalho de produção da sociedade e acaba aceitando seu papel de inferioridade, que está arraigado em algumas culturas.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: sonia.martins05@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: tamara_sena@yahoo.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: tobiasqueiroz@gmail.com.



Lars Von Trier no seu filme *Anticristo* tem como a responsável, por todas as ações da história, a personagem feminina que acaba aceitando sua inferioridade perante seu marido e toma atitudes que mostram sua aproximação com a natureza de uma forma doentia e que acaba deturpando a realidade.

Entramos na discussão de como o filme *Anticristo* é visto de forma artificial por alguns, que o endereçamento de um filme não será onipotente e vai depender muito do conhecimento do telespectador, para que ele entenda o filme como um todo.

O filme *Anticristo* e seu criador Lars Von Trier

O diretor dinamarquês Lars Von Trier é famoso tanto por seus trabalhos, quanto pelo seu jeito excêntrico, com filmes que são sempre alvos de comentários e que nunca passam despercebidos. Mas foi a partir de 2009, após Lars Von Trier ter seguido um caminho diferente para fazer seus filmes, onde eles ganharam uma parte interior do diretor, que despertou no mundo a curiosidade e até dúvidas quando a mensagem que queria transmitir com seus trabalhos, foi que os holofotes se fixaram literalmente nele. Lars Von Trier explica essa mudança em uma entrevista a Revista *Veja*:

Mas é fato que esse filme veio de um lugar muito puro do meu coração. Nunca conheci Ingmar Bergman pessoalmente, mas um dia, por qualquer razão, ele fez um comentário a meu respeito em uma entrevista – disse que, quando eu começasse a usar a mim mesmo em meus filmes, então talvez ele passasse a me considerar digno de alguma atenção como cineasta (SETTI, 2011).

Seguindo o conselho, Lars Von Trier utilizou-se de um momento muito difícil em sua vida, onde enfrentava uma profunda depressão e tinha muitos pesadelos de onde tirou várias ideias para escrever o roteiro de *Anticristo*. Na mesma entrevista a revista *Veja* ele afirma:

Venho usando as experiências que atravessei na vida – em particular a ansiedade e a depressão. Do meu ponto de vista, *Anticristo* e *Melancolia* são dois dos meus filmes mais superficiais. Vindo de dentro de mim, ou sendo eu a matéria-prima deles, eles foram fáceis até demais de fazer; não tive de construir nada para eles. Quase tenho vergonha do prazer que senti ao fazer *Melancolia* – esse é o fardo de ser protestante; quando algo é fácil, não tem valor (SETTI, 2011).

Dessa depressão saiu o perturbador *Anticristo*, filme lançado em 2009, que foi um divisor de águas na carreira de Lars Von Trier, mudando totalmente o estilo que seguia dos seus filmes anteriormente.



Anticristo não é um filme comercial de terror com teor religioso, demônios só os da alma. O filme é dividido por um prólogo, e quatro capítulos intitulados por sofrimento, dor, desespero e os três mendigos e o final com o epílogo. O filme tem como trama central a estória de um casal que não possui nome, dando o significado de universalidade, onde os dois estão na cena de abertura do prólogo em uma relação sexual, e o filho do casal o único com nome, por ser intermediário, não fazendo ainda nem parte da natureza e nem da cultura, ele desce do berço, vai para a janela e cai acidentalmente, dela falecendo com a queda. A mãe da criança viu o momento em que tudo aconteceu, mas não quis parar a relação sexual com o marido para impedi-lo, depois da morte do filho ela entra em um processo de dor e culpa.

Todo o prólogo discorre de maneira poética se passando em preto e branco, câmera lenta e ao som de “Rinaldo, Lascia ch'io pianga”. No artigo de Soerensen e Cordeiro (2010), sobre o tema “O Anticristo” de Lars Von Trier: simbologias e leituras, elas mostram um trecho da música: “Deixe que eu chore/minha sorte cruel/que eu suspire/pela liberdade./A dor quebra/estas cadeias/de meus martírios/só por piedade!”.

Ao ser lida a tradução da música mostra que ela está longe de ser só um fundo musical distante na cena, ela é a complementação dos acontecimentos ocorridos no prólogo, tornando-os de certo modo mais compressíveis. No artigo de Soerensen e Cordeiro elas comentam alguns detalhes na cena inicial:

A imagem do sexo em sincronia à imagem do inocente morrendo pode ser uma representação da carne x pureza. O filme todo é barroco em seus paradoxos. Há antíteses no mal x bem, homem x mulher, racional x emocional. O momento da morte da criança é o momento da morte da inocência, pois é a partir desta que se desenrola a verdade a respeito de como a natureza humana pode ser cruel. Contrariamente ao filme sem cor, a vida da família parece colorida. Após a morte do garoto o filme ganha cores, mas a vida do casal se torna cinzenta e opaca (SOERENSEN e CORDEIRO, 2010, Pag.2).

Esse último fato pode passar despercebido, enquanto o casal estava feliz o filme era em preto e branco, mas depois que o casal perdeu o filho e essa felicidade foi embora, o filme ficou colorido, mostrando uma inversão de sentimentos, onde o filme só torna a ficar preto e branco na parte final, ou seja, o epílogo quando a vitória de um dos dois acontece.

No filme o casal é interpretado por Charlotte Gainsbourg e Willem Dafoe, ele sendo um terapeuta e ela uma historiadora, que partem para uma floresta, sugestivamente intitulada de Éden, e possuem uma cabana nele, a qual o personagem de Charlotte Gainsbourg frequentava com o filho para terminar sua tese. O Éden foi o lugar que o personagem de



Willem Dafoe escolheu para tratar sua esposa e ajudá-la a superar o luto, e é nesse lugar que coisas estranhas começam a acontecer.

O filme transborda simbolismos, um deles é a retratação dos três reis magos de maneira totalmente contraditória, segundo Soerensen e Cordeiro (2010) “Enquanto os três reis, na Bíblia, se reúnem para presenciar a vinda do Salvador, os três mendigos aparecem para recepcionar a morte”.

Os três mendigos são representados por animais, sendo o sofrimento um cervo em constante processo de aborto, a dor uma raposa que devora outra raposa, e o desespero um corvo que nunca morre, os vemos primeiramente na cena da queda da criança, onde três soldados de brinquedos levavam os nomes dos mendigos, anunciado uma eminente morte, que veio em seguida com a criança caindo da janela e falecendo, eles voltam a aparecer ao longo do filme concluindo a profecia final, que alguém iria morrer, e na luta do casal pela sobrevivência no final do filme vemos a batalha não entre um homem e uma mulher, mas entre a cultura e natureza.

Ortner (1979) em seu artigo, “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”, discute amplamente essa questão de Natureza e Cultura, mostrando que as mulheres são consideradas “natureza” por seu sistema biológico, serem inferiores ao homem que é considerado “cultura” por ser superior a elas, tanto em força quanto em aspecto intelectual, e por ele está sempre produzindo coisas duráveis, eternizadas, quando a mulher produz seres com tempo de vida já pré-determinado. No epílogo do filme vemos o mais forte vencer a luta, a cultura, e o mais fraco se curvar a ele, a natureza.

Natureza e Cultura

Lars Von Trier sofreu muitas críticas que o acusavam de ser misógino, por ter criado um papel feminino patriarcal, mas não podemos observar o filme Anticristo de forma artificial, porque também é mostrada a relação de inferioridade associado ao papel da mulher na sociedade e sua relação com a natureza, tantas vezes repetida no filme.

A submissão da mulher é algo aceito e está tão arraigado na cultura, que continuamos sendo uma sociedade patriarcal, mesmo que a mulher tenha conseguido alguns direitos, mas o problema continua com a desvalorização do universo feminino, não é algo simples de resolver como é afirmado por Ortner.

A universalidade da subordinação feminina, o fato de existir em todo tipo de classificação social e econômico e em sociedades de todo o grau de complexidade, indica que estamos frente a algo muito profundo e inflexível e que não podemos desenraizar simplesmente reclassificando algumas tarefas e papéis no sistema social, ou mesmo reordenando toda a estrutura econômica (ORTNER, 1979, p.p. 95-96).

Não podemos colocar toda a explicação da desvalorização do feminino apenas no fator biológico, Ortner (1979) defende que não apenas um fator genético seria responsável pelo o que é inferior e superior em uma sociedade cheia de valores culturais.

Ortner (1979) afirma que a mulher está mais próxima da natureza do que o homem, a mesma natureza que a personagem “ela” do filme Anticristo tanto teme, enquanto o homem está mais próximo da cultura que seria a consciência humana e o que é produzido. A cultura é o poder de ultrapassar as situações naturais e conseguir modificá-la a seu benefício, e como a mulher é simbolicamente associada à natureza que será dominada pela cultura, então seria comum a achá-la inferior.

[...] a cultura com a noção de consciência humana (isto é, sistemas de pensamentos e tecnologias), por meio das quais a humanidade procura garantir o controle sobre a natureza. Agora as categorias de ‘natureza’ e ‘cultura’, certamente, são categorias conceituais – não se pode encontrar limite no mundo concreto entre os dois estados ou domínios do ser. Não há dúvida de que algumas culturas estipulam uma oposição muito mais forte entre as duas categorias, que outras [...] Uma vez que o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará ‘natural’ subordiná-las, para não dizer oprimi-las (ORTNER, 1979, p.p. 100-101-102).

No livro “O Segundo Sexo” de Beauvoir (1953) ela afirma que a mulher sempre é preparada para cuidar da família desde muito cedo, enquanto os meninos são livres para brincar e o trabalho do pai ainda é um mistério, as meninas são motivadas a ser “mulherzinha” dando ordens aos irmãos mais novos, e é incentivada a realizar os afazeres de casa, ela começa a se sentir realizada. As meninas amadurecem mais rápido que os meninos, justamente por ela já está sendo preparada para suas funções enquanto os meninos tem uma infância mais longa.

Segundo Ortner (1979) não é apenas o papel social da mulher que a aproxima da natureza, mas o conjunto de como o seu corpo e suas funções, a responsabilizam pela reprodução e juntando com o seu papel na sociedade, sua estrutura psíquica também será diferente do masculino, sempre a aproximando da natureza.



No filme *Anticristo* podemos perceber o quanto Lars Von Trier trabalha esse conceito de mulher próxima a natureza, na cena em que a personagem “ela” está sendo hipnotizada dentro do trem pelo marido, ele manda a esposa se tornar a grama e percebemos essa união literalmente “ela” feminino e a natureza, e vemos o medo da mulher em relação a floresta, que seria “ela” resistindo a natureza feminina.

Como a caminhada para cabana ele estava bem vestido, mostra força e chega a sorrir representando a dominação masculina sobre a natureza. Enquanto sua mulher estava contrastando mal vestida, cabelos desgrenhados, cansada pede para parar um pouco a caminhada e mostrava está muito debilitada psicologicamente, representa a submissão feminina em relação ao masculino defendido pela cultura.

A personagem feminina mais próxima da natureza

Beauvoir (1953) defende que a mulher é uma grande vítima das espécies, sendo que algumas partes e funções do corpo feminino não servem para o benefício das mulheres, como os óvulos que tem o corpo feminino adaptado para manter suas necessidades não ao contrário, os seios que servem para alimentar os bebês não tendo nenhuma função para o bem estar na mulher e como a menstruação trazendo muitas consequências como modificar a rotina. E quando essa engravida as vitaminas são tiradas da mãe e levadas ao feto e o parto tem um risco muito grande para a mãe.

A mulher ficou com a responsabilidade da reprodução um processo natural, Ortner (1979) compara os seres humanos aos animais, enquanto o macho tem sua liberdade e suas únicas construções serão relacionadas à sua espécie o homem tem como inventar e construir o futuro na terra, enquanto a mulher ao engravidar, se ausentara durante um período para ter o bebê, e cuidar dele nos primeiros anos de vida.

Como no filme *Anticristo* a personagem de Charlotte Gainsbourg o acusa de não se importa com a tese que escrevia, e para fazê-la teve conciliar cuidar do filho e escrevê-la, tudo sem ajuda do marido, que dispõe de todo o tempo apenas para criar.

Beauvoir (1953) para explicar a maior valorização dada ao trabalho do homem que a de criação da vida pela mulher, é que se valoriza muito mais quem se arrisca, o homem supera o animal, como na caça ao matar o homem está combatendo a natureza da vida. Conclui-se que o mais importante é quem mata e não quem da à vida.

A mulher só é aceita como uma intermediária entre a cultura e a natureza, quando aceita sua inferioridade perante o homem, é impressionante como algumas mulheres aceitam o papel de inferior sem hesitar, mostrando a consequência de anos de repressão.

Logo no início do filme, quando a personagem feminina assume que era a única responsável, pelo descuido de não ter visto o filho cair da janela, ela assume sua inferioridade perante o marido. Mas nesse momento ela não cobrou do marido, sua participação como pai, e que ele também tem sua parcela de culpa, já que não era tão presente na vida da família, que ele também ajudou a construir, ela acaba aceitando a culpa toda sozinha.

Segundo Orther (1979, p. 106): “[...] a consciência feminina – sua participação, como foi na cultura – é evidenciada em parte pelo simples fato dela aceitar sua própria desvalorização e endossar o ponto de vista da cultura”. Quando a personagem “ela” do filme *Anticristo* afirma que as mulheres que sofreram feminicídio (assassinato de uma pessoa causada por ela ser mulher), tinham merecido ser mortas ela acaba aceitando o papel de inferioridade e os únicos que sabem o que é certo são os homens. Tudo contribui para as mulheres aceitarem sua inferioridade, Segundo Beauvoir (1953, p. 30):

[...]Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino. Eva não foi criada para si mesma e sim como companheira de Adão, e de uma costela dele; na Bíblia há poucas mulheres cujas ações sejam notáveis [...]

No filme de Lars Von Trier o personagem masculino no final acaba saindo como um herói, matando a mulher com sua natureza culpada de todos os males, ele sai do paraíso de pecados femininos, com a representação final dele partindo, e deixando as mulheres nuas entre a natureza.

A cena em que a personagem feminina corta seu clitóris, para colocar fim a sua culpa, Lars Von Trier deixa subtendido que a mulher escolheu seu prazer, ao continuar o ato



sexual mesmo vendo seu filho indo para a janela, assim o sexo para a mulher é apenas para a procriação e não para o prazer. Desde criança a menina já é tratada diferente dos meninos em relação a suas partes genitais, como afirma Beauvoir (1953, p.14):

A sorte da menina é muito diferente. Nem mães nem amas têm reverência e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção para esse órgão secreto de que só se vê o invólucro e não se deixa pegar; em certo sentido, a menina não tem sexo. Não sente essa ausência como uma falha; seu corpo é evidentemente uma plenitude para ela, mas ela se acha situada no mundo de um modo diferente do menino e um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos a diferença em inferioridade.

Segundo Ortner (1979) por suas funções fisiológicas, a mulher acaba socialmente mais próxima da natureza, e mesmo participando da “cultura”, ela tem que sair dela e voltar ao modo “natureza” quando se tem um filho, Ortner afirma:

O corpo da mulher como de todos os mamíferos femininos, gera leite durante e depois da gravidez para a amamentação de recém-nascido. O bebê não pode sobreviver sem o leite materno ou alguma formula similar nesse estágio de vida. (ORTNER, 1979, pag.106).

Esse período de lactação acaba deixando a mulher reclusa e totalmente voltada à criança, como também os primeiros anos que seguem. No filme a personagem de Charlotte Gainsbourg é a mais próxima ao bebê, sendo a que cuidava dele e sabia de suas rotinas, como quando ela comenta que só ela sabia que o filho acordava à noite, e ficava andando pela a casa, Ortner (1979) ainda conclui em seu artigo:

As mães e seus filhos de acordo com razões culturais se pertencem. Além disto, as crianças, durante a infância não são suficientemente fortes para se engajar em maiores trabalhos, ainda que se movam inquietas e incapazes de entender vários perigos. Portanto, elas necessitam supervisão e constantes cuidados. (ORTNER, 1979, p.107).

A personagem de Charlotte Gainsbourg passava o dia com o filho, o levando até para a cabana, na floresta do Éden, quando tinha que trabalhar e vemos que quando, ela tenta voltar a fazer parte da cultura com um filho pequeno, que ainda requeria grande cuidado e atenção, ela acabava perdendo ele de vista ou se descuidando e colocando o sapato dele invertido, causando uma deformação nos pés da criança que só foi descoberto pelo o pai após a criança morrer, o pai até então se fazia quase totalmente ausente de uma parte da vida da criança, essa ausência Ortner (1979) explica como:

[...] Os homens não possuem uma base “natural” (criar, no sentido de cuidar da criança) para uma orientação familiar, sua esfera de atividade é limitada ao nível de relações interfamiliares. Consequentemente, como as razões culturais parecem progredir, os homens são proprietários “naturais” da



religião, do ritual, da política e de outros domínios do pensamento cultural e da ação, nos quais são realizadas as leis universais da síntese espiritual social. (ORTNER, 1979, p.109).

Ficando claro o lugar de cada um na cultura, e a superioridade do homem sob a mulher. Mas segundo Ortner (1979) apesar do homem ser o realizador da inserção do jovem, como ser humano cultural, a mulher é a primeira agente na socialização de uma criança, tornando-os membros maduros de uma cultura sendo, portanto de muita importância para a cultura, mesmo que ela não a reconheça.

No filme a personagem de Charlotte Gainsbourg quando perde o filho, entra em um estado de luto, onde adquire ansiedade e passa um período hospitalizada, enquanto o marido personagem de Willem Dafoe, por outro lado mantém a razão e a consciência tentando tratá-la e curá-la. Segundo Ortner (1979), “Se postulamos a emotividade ou irracionalidade, nos confrontaremos com estas tradições em várias partes do mundo nas quais, fundamentalmente, as mulheres são encaradas como mais práticas, pragmáticas e mundanas do que os Homens” (ORTNER, 1979), no filme a personagem passa por várias oscilações de humor, se tornando agressiva em certos pontos, chegando ao extremo ao torturar o marido e se mutilar, cortando o próprio clitóris com uma tesoura, tirando assim o seu prazer para se punir pela a morte do filho.

Segundo Ortner (1979) os homens são objetivos, e se relacionam com situações abstratas, enquanto as mulheres são subjetivas e se relacionam com situações concretas, sendo que essas diferenças não são inatas ou genéticas, mas surgem com a estrutura familiar, ou seja, a psique da mulher não está ligada a seu status feminino, mas a uma criação imposta a ela.

Os vários endereçamentos de um filme

O filme *Anticristo* ao ser exibido em Cannes foi vaiado, e na entrevista coletiva Lars Von Trier foi intimado por um jornalista, que exigia uma explicação do filme, simplesmente Lars Von Trier disse que não iria explicar nada e que tinha feito o filme para si. Cheio de alegorias e símbolos a película sempre terá a discussão entre os telespectadores, se é uma crítica a uma sociedade machista ou a visão de um homem misógino.

Segundo Ellsworth (2001, p.21) “[...] da mesma forma que o espectador ou a espectadora nunca é exatamente quem o filme pensa que ele ou ela é, assim também o filme



não é, nunca, exatamente o que ele pensa que é. Não existe, nunca, um único e unificado modo de endereçamento em um filme”.

Ellsworth (2001) defende que pessoas acostumadas com filmes de Hollywood terão muitas dificuldades, de ler um filme que vai contra as fantasias e as características esperadas sobre racistas e sexistas.

Lars Von Trier usa referências como a natureza, cultura, feminicídio e a história de opressão sofrida pelas mulheres, mas esses temas não são de conhecimento de todos os telespectadores.

[...] Não importa quanto o modo de endereçamento do filme tente construir uma posição fixa e coerente no interior do conhecimento, do gênero, da raça, da sexualidade, a partir da qual o filme “deve” ser lido: os espectadores reais sempre leram os filmes em direção contrária a seus modos de endereçamento, “respondendo” aos filmes a partir de lugares que são diferentes daqueles a partir dos quais o filme fala ao espectador (Ellsworth, 2001, p.31).

O modo de endereçamento de um filme não é algo onipotente, vai depender de como esse telespectador vivi, estuda e suas influências. Como um telespectador acostumado a assistir filmes de Hollywood, vai interpretar diferente o filme Anticristo, se comparado a uma pessoa que tenha leituras de textos feministas.

Em uma entrevista a revista “Veja”, Lars Von Trier (2011) fala sobre o seu polêmico filme Anticristo:

[...] Mas a personagem não é uma mulher no sentido exemplar: ela sou eu. Bolei um truque muito esperto. O que faço é escrever um filme sobre mim, dividindo-me em dois personagens masculinos. Daí escrevo vários papéis femininos – todos de mulheres que são idiotas, idealistas ou covardes. Clichês, enfim. Mas, na hora de começar a rodar, inverte os papéis: os masculinos se tornam femininos, e vice-versa. Porque os homens de hoje são tão acovardados que, se eles aparecerem como tal num filme, ninguém vai achar que isso é um clichê e criticar. Parece realista, e pronto. Entretanto, se eu colocasse uma mulher estúpida ou covarde como protagonista, a gritaria viria na hora. Para não dizer que, sendo homem, eu não seria capaz de criar do zero uma protagonista feminina completa. Então uso a esperteza, escrevendo de um jeito e filmando do outro. Ou seja, quando me acusam de misógino porque submeto minhas personagens femininas a sofrimentos e humilhações, estão, na prática, acusando-me de detestar a mim mesmo, já que elas são eu, um homem (SETTI, 2011).

Muitos ainda assistiram Anticristo e continuaram afirmando que Lars Von Trier é um misógino, mas se analisarmos que os filmes de Hollywood, mostram a imagem da mulher de



forma clichê, e que estão ajudando a persuadir o telespectador a aceitar a insubordinação feminina, enquanto Anticristo tenta mostrar a história da repressão feminina.

Considerações Finais

Com base nos dados obtidos, sobre a condição da mulher e sua representação próxima a natureza, constata-se que o filme Anticristo de Lars Von Trier quis retratar a figura feminina tal como ela é vista, de forma generalizada pelas as culturas, que lhe impõem o status de inferioridade perante o homem.

Lars Von Trier buscou inspiração, para o filme Anticristo em diferentes recursos, tornando-o autobiográfico e cheio de simbolismos, o que dificulta em certo ponto a compreensão. Para entendimento do telespectador, em algumas vezes, ele vai precisar possuir conhecimentos prévios do assunto abordado no filme.

A mulher na película é mostrada como culpada, sendo a causa de todo o mal na terra, e ela própria assume essa culpa. Lars Von Trier faz a ligação da mulher com a natureza, comprovando sua inferioridade em relação ao homem e a cultura, usando como base teórica a história de submissão, do sexo feminino ideologicamente presente na sociedade.

Referências

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CAVALCANTI, Hayla; DOMINGUES-DA-SILVA, Juliano; AMORIM, Luciana; CHARAMBA, Luís Henrique. Cinema, semiótica e mulher: uma análise do signo feminino no filme Baixo das Bestas. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Fortaleza/CE, set. 2012.

DEBERT, Guita Grin; ALMEIDA Heloisa Buarque de. Entrevista com Sherry Ortner. **Cadernos Pagu**. 9 jun. 2006. Disponível:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200016&script=sci_arttext> Acessado em: 04 mar.2013.



ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In____. **Nunca fomos humanos - Nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, cap. 1, p. 07-76.

ORTNER, B. Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In____. **A mulher, a cultura, a sociedade**, 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.95-120.

SETTI, Ricardo. O cineasta Lars Von Trier recorda o desastre que foi sua brincadeira sobre Hitler e, com base na própria experiência, diz: “A depressão é o fim do mundo”. **Revista Veja**. 30 set. 2011. Disponível:<<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/dica-de-leitura/lars-von-trier-a-depressao-e-o-fim-do-mundo/>> Acessado em: 07 mar.2013.

SOERENSEN, Claudiana; CORDEIRO, Priscilla de Paula. “O Anticristo” de Lars Von Trier: simbologias e leituras. **II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem**. Cascavel/PR, out. 2010.